

O IMPACTO FEMININO NA PIRATARIA CHINESA NO SÉCULO XIX¹

Rafael Coll²

Ricardo Neumann³

RESUMO

Esse trabalho apresenta um olhar sobre as mudanças alcançadas pelas mulheres dentro da pirataria por meio da ascensão de Ching Shih ao poder, firmando-a como uma mulher que possibilitou uma mudança na estrutura vivida na China do século XIX, traçando sua caminhada ao poder dentro de uma sociedade onde as mulheres eram banidas da vida pública. Trabalha também a questão do misticismo criado sobre a pirataria marítima pelo viés literário e como as coisas na realidade eram diferentes dos livros, dando ênfase para a amplitude alcançada por Ching Shih através de uma contextualização da época e trabalhando o impacto obtido por seus atos e sua imensurável crueldade. Ressalta a importância do reconhecimento de suas empreitadas realizadas que, embora sejam de grande cunho, são majoritariamente desconhecidas e renegadas devido a história eurocêntrica. A visibilidade das conquistas alcançadas por personalidades femininas é de suma importância para o desenvolvimento dos movimentos feministas nos dias atuais, mas alguns séculos atrás essas conquistas costumavam ser renegadas, devido ao preconceito e a repressão existentes na sociedade contra a mulher. No caso de Ching Shih não é diferente, trata-se de uma personagem histórica que teve suas conquistas parcialmente ocultadas devido a sua sexualidade e o local no qual os acontecimentos se passaram.

Palavras-Chave: Pirataria. China. Ching Shih. Mulheres. Reconhecimento.

¹Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Licenciatura em História pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Banca examinadora composta por: **Bruna Cataneo Zamparetti e Geovan Martins Guimarães.**

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Autor do presente trabalho.

³ Doutor em História – UFSC. Professor Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, nos cursos de História e Relações Internacionais. Orientador do presente trabalho.

INTRODUÇÃO

A origem deste artigo advém de uma pesquisa descritiva sobre a participação feminina na pirataria oriental, a qual pode por muitos ser completamente desconhecida devido à escassez de material bibliográfico que retrate tal acontecimento, levando em consideração que a própria pirataria oriental é, por sua vez, relativamente desconhecida, devido à baixa produção de conteúdo a respeito do tema.

Uma das poucas obras publicadas que abordam o tema e, a qual serve como a principal fonte teórica para este artigo, é “History of the Pirates who Infested the China Sea from 1807 to 1810”, publicado originalmente no ano de 1830, por Yung-lun Yuan, no idioma chinês e no ano de 1832, traduzido por Karl Friedrich Neumann para o inglês. Posteriormente, foi realizada a publicação de mais artigos realizando abordagens ao tema, muitos dos quais usaram como referência o próprio livro em questão, como por exemplo, a obra “The Pirate Super Pack #2”, publicada em 02 de outubro de 2015 pelo autor Richard Glasspoole.

A representatividade feminina na pirataria oriental teve seu início no ano de 1807, tendo sua representação feita na pessoa da ex-prostituta, posteriormente viúva de Cheng I, Ching Shih, mais conhecida pelo nome de Cheng I Sao, cuja tradução literal é “Esposa de Cheng I”, o qual levou-a ao reconhecimento merecido. Ching Shih é uma personalidade que retrata a luta necessária à uma mulher dentro de um ambiente completamente inóspito, devido a renegação e aos obstáculos colocados em seu caminho para dificultar sua escalada à um posto de suma importância e, através dele, conquistar direitos para as mulheres, tornando a vida marítima mais favorável e justa às mulheres.

REVISÃO DE LITERATURA

Os materiais utilizados para pesquisa foram livros, tendo como principal base de pesquisa a tradução do livro chinês “History of the Pirates who Infested the China Sea from 1807 to 1810”, traduzida por Karl Friedrich Neumann para o inglês britânico no ano de 1832. Foram trabalhadas outras obras, de diversos autores, ampliando o referencial teórico por trás do artigo, sendo os principais David Cordingly, Charles Ellms e Richard Glasspoole, visando através disto ampliar o conhecimento por trás de Ching Shih. Também foi trabalhado o renomado livro de categoria infanto-juvenil, publicado por Robert Louis Stevenson, no ano de 1883, visando analisar a mistificação por trás do estereótipo existente sobre a pirataria marítima.

Pouco se sabe sobre o autor Charles Ellms, um dos mais citados dentro do artigo. Conhecido como um homem reservado, Ellms trabalhou em uma papelaria em Boston até 1830, quando passou a dedicar-se a escrita de livros e almanaques cômicos. Em 1837 publicou "The Pirates Own Book", que foi seu livro mais popular e marcou o começo de sua trajetória na escrita. Não se sabe sobre sua vida pessoal, nem suas motivações por trás da escrita, devido a sua personalidade reservada e evasiva.

David Cordingly é um historiador naval com interesse especial em piratas. Durante 12 anos ele trabalhou no Museu Marítimo Nacional de Greenwich, na Inglaterra; e organizou diversas exposições, sendo uma delas "Pirates: Fact and Fiction", que veio a tornar-se um livro de sucesso com o mesmo título e deu início a carreira literária do autor.

Karl Friedrich Neumann, nascido sobre o nome de Bamberger, foi um orientalista alemão, que adotou o nome de Neumann após converter-se ao protestantismo. Durante anos foi professor na Alemanha, até que viajou a China no ano de 1829 e lá estudou e traduziu alguns livros. Em seu retorno a Alemanha no ano de 1833, trouxe consigo cerca de 12.000 livros, os quais presenteou a Biblioteca Real de Munique. Em seu retorno, assumir novamente o cargo de professor na Universidade de Munique.

METODOLOGIA

Para aprofundar a pesquisa da representatividade do gênero feminino na pirataria oriental no início do século XIX, primeiro foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica aprofundada no contexto geral da pirataria na costa chinesa e na postura tomada pelo império chinês durante este período histórico. Depois foi trabalhar a história de Ching Shih desde o seu nascimento até sua morte, e não somente a sua participação na pirataria, objetivando através dessa busca amplificar os detalhes e contextualizar os acontecimentos, evidenciando assim o impacto representado pela personalidade que é trabalhada nesse artigo.

CONTEXTO GERAL

Durante a data aqui abrangida, a China era uma sociedade imperial governada pela Dinastia Qing, a qual governou de 1644 até 1912, sendo a última dinastia a comandar a China. O imperador no poder durante a época em questão, se chamava Jianqing, o qual não deu continuidade ao estilo administrativo de seus antecessores, por sua vez tornando o regime cada vez mais conservador e rígido. Nascido em 13 de novembro de 1760,

ascendendo ao governo da China em 1796, aos seus 36 anos, Jianqing foi o sexto imperador da Dinastia Manchu e o quinto imperador da Dinastia Qing. Seu reinado durou 24 anos, culminando no seu falecimento no dia 02 de setembro de 1820, como é apontado por Samuel Wells Williams em sua obra "The Middle kingdom: a survey of the Chinese empire and its inhabitants".

Como apresentado em seu livro pelo autor Yung-lun Yüan, na época em questão, a China possuía uma marinha enfraquecida, sem contar com marinheiros realmente treinados e preparados para o combate. Esse déficit de eficiência presente na marinha chinesa facilitava para que os piratas tivessem controle e domínio da costa chinesa. O próprio império chinês, comandado já por Jiang Qing, havia posteriormente contratado piratas a título de mercenários, para travar batalhas contra a Dinastia Tay Son que comandava o Vietnã, em meados de 1798, a qual teve impacto direto na ascensão pirata ocorrida nessa costa.

No século em questão, a presença feminina dentro da sociedade chinesa era extremamente restrita e a chegada de Jiang Qing ao poder, com suas medidas conservadoras, tornava ainda mais complexa a participação desse gênero na sociedade. Tendo em consideração o fato de que as mulheres chinesas eram banidas da vida pública, torna ainda mais surpreendente o patamar alcançado por Ching Shih.

CHENG I

Cheng I é definido por Charles Ellms em seu estudo, como um dos mais impactantes rebeldes da China, “ao lado destes comandantes, um certo Ching-Yih tem sido o mais distinguido por seu valor e conduta”. Nascido em 1765 no condado de Xin’an, fez parte de uma renomada linhagem de piratas que se fazia presente nos mares chineses há gerações, assim como seu pai, seu irmão mais novo e seu primo. Anos antes do início de seu envolvimento com Ching Shih, por volta do ano de 1798, alcançou renome na região por sua importante participação lutando com as forças rebeldes no Vietnã. Os embates travados por Cheng I durante a intervenção foram responsáveis pelo aprimoramento físico e tático dos piratas por ele comandados, os quais travaram a batalha servindo ao império chinês como mercenários. Voltando a China, tornou-se o comandante supremo de toda a frota pirata existente na província de Kwang-Tung.

Cheng I comandou uma frota de navios piratas intitulada: “Frota da Bandeira Vermelha”, a qual contava com 200 navios grandes e entre 20 e 40 mil homens. Ele foi o

responsável pela fundação da Federação Pirata que consistia na junção de várias frotas com seus próprios capitães, formando um Conselho entre os mesmos e elegendo um líder para comandar e organizar as ações tomadas por essas frotas, tanto em estratégias econômicas como em estratégias de combate. Essa Federação contava com a organização de um conselho onde os representantes de suas respectivas frotas decidiam quem os lideraria através de uma espécie de eleição. O líder da Federação era responsável por administrar os gastos tidos pelas frotas, seja com reparos nas embarcações ou aquisição de mantimentos para suas empreitadas. Através dessa centralização do poder administrativo, objetivavam ampliar os lucros reduzindo os custos. Cheng I comandava a Frota da Bandeira Vermelha e, também era o líder responsável pela Federação, que contava, entre outras, com a Frota da Bandeira Preta, uma das frotas piratas mais brutais já existentes na costa chinesa, entre outras. Posteriormente, o impacto da Federação levou-os a serem reconhecidos com o título de “The Masters of the Coast”. Cheng I sempre foi conhecido por sua violência e brutalidade, um exemplo claro disso pode ser encontrado nas escritas de John Turner, imediato a bordo de um navio pelo império chinês, que foi capturado por Cheng I e, posteriormente veio a publicar um livro onde descreveu alguns acontecimentos pelos quais passou:

Eu vi um homem [...] preso pelos pés ao convés com grandes pregos, e depois espancado com quatro cordas traçadas juntas, até ele vomitar sangue; e, depois de permanecer algum tempo nesse estado, foi levado a praia e esquartejado. [Enquanto um segundo prisioneiro] foi colocado de pé e teve os intestinos abertos e o coração arrancado, que eles depois mergulharam em bebida alcóolica e comeram [...] o corpo morto eu mesmo vi. (TURNER, 1809, p. 37)

A PIRATARIA

Ao contrário da imagem que muitos têm a cabeça quando se pensa em “vida pirata”, ela não era uma escolha que trouxesse uma perspectiva de futuro, na realidade era geralmente a escolha tomada por aqueles que não viam mais outra saída. Existe um misticismo muito grande sobre a longa vida como pirata, a qual é, em grande maioria, fruto de obras literárias como: “*A Ilha do Tesouro*”, de *Robert Louis Stevenson*, um clássico da literatura infanto-juvenil, publicada no ano de 1883 e, até hoje é impactante no conceito geral que temos por um pirata, tanto esteticamente, quanto em relação aos seus hábitos e personalidade. Por mais que essa romantização literária da vida pirata nos leve a crer em um ar fabuloso da mesma, a realidade era bem diferente.

Como é apresentado na obra “*Pirates: Fact & Fiction*”, co-autoria de David Cordingly e John Falconer, poucos eram os piratas que conseguiam se manter vivos por

mais de dois anos dentro da profissão. Os que não eram mortos em batalha durante seus saques, eram mortos pelas coroas, que os caçavam incansavelmente. E, ainda, os que realizavam a proeza de sobreviver aos saques e batalhas contra as coroas, tinham outro grande obstáculo: os motins.

Por mais que se tenha a imagem do “capitão respeitado pela tripulação que guiará seus homens a imensurável riqueza”, na realidade a linha era bem mais tênue. Na primeira queda de lucros, seja por saques mal sucedidos, pela ausência dos mesmos, ou por qualquer outro motivo que pudessem levá-los a essa seca, o capitão era levado a andar na prancha por sua própria tribulação que, rapidamente elegia um novo, o qual também poderia ser rapidamente tirado do posto caso não solucionasse tal problema. Também havia diversos problemas causados pelas doenças, devido à falta de higiene e o déficit alimentar presente nas embarcações, como o escorbuto por exemplo, uma doença ocasionada pela falta de vitamina C. Embora a grande maioria dos piratas tivessem o hábito de raspar seus cabelos e manter suas barbas curtas para evitar problemas com piolho e fungos, isso estava longe de ser o suficiente para evitar doenças relacionadas a higiene pessoal. A curta perspectiva de vida que era entregue aos marinheiros assim que ingressavam na pirataria torna ainda mais impressionante os feitos alcançados por Ching Shih, os quais vão ser trabalhados no decorrer deste artigo.

HISTÓRIA DE CHING SHIH

Nascida no ano de 1775, na província de Cantão (Guangzhou), na China, Ching Shih trabalhou durante a juventude como prostituta, onde ganhou renome por atuar como conselheira econômica de alguns de seus clientes, que a procuravam não só por seus serviços físicos, mas também por seus serviços intelectuais. Ching Shih recebeu uma proposta de casamento por parte de um notório capitão pirata da época, conhecido como Cheng I. Proposta que veio a ser feita após chegar aos seus ouvidos sobre os conhecimentos econômicos que Ching Shih possuía. O contrato formal de casamento assinado por ambos garantia a Ching Shih 50% do poder e dos bens obtidos por Cheng I, o que sempre levanta a questão de que, muito provavelmente, o casamento tratava-se de um acordo comercial entre ambos e não de uma relação romântica, o que era muito comum na sociedade chinesa durante esse período.

Durante os seis anos seguintes à consumação do casamento, Cheng I trabalhou a influência de seu nome, estabelecendo-se cada vez mais como capitão cujo nome

causava calafrios em quem ouvia as histórias sobre as façanhas realizadas por sua frota em alto mar. Seu fim foi a bordo de uma de suas navegações em expedição próximo ao Vietnã, em novembro do ano de 1807. A causa de sua morte segue misteriosa, mantendo em questão se foi causada por um tufão com o qual se deparou em alto mar, ou um acidente de bordo. Foi questionado na época do ocorrido, se esta morte não teria sido influenciada por sua esposa Ching Shih, como parte de um plano maior para assumir as rédeas.

Com a queda de tal renomado capitão e, até então líder da Federação, o Conselho estabelecido ficou encarregado de nomear um novo líder para ocupar seu posto. Era necessária a indicação imediata. Foi então que Ching Shih deu um passo à frente e clamou para si a ocupação de tal posto, a qual já se fazia conhecida pelos mesmos sob o nome de Cheng I Sao. Em seu discurso, no qual defendia sua indicação para o posto, Ching Shih afirmou que seu marido devia parcialmente a ela tal sucesso conquistado, devido ao fato de que, enquanto ele comandava as frotas, mapeando a costa e elaborando estratégias de batalha, ela se responsabilizava pela administração monetária, sendo então de seu mérito todo lucro acumulado pela Federação através da bem sucedida administração de finanças por ela aplicada. Segundo a mesma, devia-se a ela o fato de que todo navio mercante de sal visitava-os para comprar uma passagem segura pelos mares costeiros da região. E, era de conhecimento geral que, ambos trabalhavam juntos.

E agora vem a passagem mais notável na história desses piratas [...] Após a morte de Cheng I, sua esposa legítima tinha suficiente influência sobre os piratas para induzi-los a reconhecer sua autoridade no lugar de seu falecido marido [...] a viúva de Ching era tão inteligente quanto corajosa [...]. (ELLMS, 1837, p. 260)

Embora fosse verdade que nas províncias chinesas de maior porte, as mulheres não podiam participar da vida pública, estes homens não eram das grandes províncias. Na realidade, a maioria descendia de pequenas vilas de pescadores, nas quais é tradição que, quando um pescador morre, sua esposa herda seu barco de pesca, como é defendido por Karl F. Neumann. E, além de todos os pontos pré-listados favorecendo-a, ainda havia mais um fator determinante para sua chegada ao poder, o filho adotado por ela e Cheng I alguns anos antes, Cheung Po Tsao, que havia sido capturado por Cheng I aos 15 anos de idade e forçado a lutar como um pirata. Embora ainda fosse muito jovem, provou seu valor e se mostrou um líder nato, como aponta Charles Ellms em sua obra: "The Pirates Own Book". Cheung Po Tsao ficou conhecido por ser impiedoso e destemido no ataque, e também abençoado pelos deuses. Cheung Po Tsao fez um acordo com Ching Shih,

concordando em comandar a principal frota da Federação, a Frota da Bandeira Vermelha, enquanto Ching Shih assumia o posto de líder da Federação, contando com Cheung Po Tsao como seu braço direito.

Neumann relata em sua obra que, para solidificar-se no poder, Ching Shih adotou uma estratégia que, em algumas culturas pode soar absurda, mas levando em consideração o local em questão e a época em que ocorreu, era uma atitude que poderia ser considerada normal. Ching Shih e seu filho adotivo Cheung Po Tsao tornaram-se amantes, apenas algumas semanas após sua nomeação ao cargo.

Uma das primeiras atitudes tomadas, assim que alcançou sua consolidação no posto, foi uma extremamente delicada de ser aplicada, mas que a mesma não falhou em executar. Ching Shih criou um novo código de conduta a ser seguido pelos piratas da Federação, que no momento somavam cerca de 70.000 membros e 1.200 vassalos, como foi registrado por Neumann em sua tradução.

Desde a morte de Cheng I, estavam completamente desorganizados e, precisavam entender que ainda havia uma hierarquia organizada a ser seguida. A Tradução feita pelo britânico Karl Friedrich Neumann do livro “The History Of Pirates Who Infestet The China Sea from 1807 to 1810”, indica que o código foi emitido por Cheung Po Tsao.

Segundo Richard Glasspoole, o código em questão era estritamente severo e foi impiedosamente aplicado.

Entre as leis impostas por Ching Shih, estavam:

Nenhum pirata podia ir a terra sem permissão. A punição por uma primeira ofensa era a perfuração das orelhas; a repetição implicava a pena de morte. Todas as mercadorias deveriam ser registradas antes da distribuição. O navio responsável pelo saque de uma determinada carga recebia um quinto do seu valor, o restante tornando-se parte do fundo geral. O abuso das mulheres era proibido, embora estas fossem tomadas como escravas e concubinas. Aquelas não mantidas como reféns eram vendidas aos piratas como esposas por \$40 cada. As pessoas do campo deveriam ser pagas por provisões e suprimentos delas retirados. **(CORDINGLY e FALCONER, 1992, p. 108)**

Através das imposições realizadas no novo código, Ching Shih estabelecia uma mudança de paradigma para a vida feminina dentro da pirataria oriental. A vida marítima levada pelos piratas sempre foi conhecida por sua barbárie, e as mulheres eram quem mais sofriam com isso, como é apontado por David Cordingly. Em parcela majoritária dos casos, piratas passavam meses à deriva no mar, sem sequer ter contato com o sexo oposto e, como bem se sabe, eram fugitivos procurados a partir do momento que entrassem no navio sob esse título, então para eles pouco importava acrescentar um crime a mais na

sua ficha. Estuprar prisioneiras capturadas era quase que consenso comum entre os marinheiros ilegais.

Essa condição desumana a qual qualquer mulher que tivesse a convivência com eles estava submetida, fosse por escolha própria ou forçosamente, foi resolvida com a chegada de Ching Shih ao poder, a qual aplicava punições severas a quem realizasse o ato. Embora as mulheres continuassem sendo tratadas como produtos e comercializadas, o estupro passou a ser arduamente punido com a morte, mas, se posteriormente fosse descoberto que a mulher foi conivente ao ato, ela também sofreria punições severas, tendo um peso amarrado as suas pernas e sendo lançada ao mar. Apesar de ter melhorado razoavelmente a qualidade da vida feminina dentro do ambiente pirata, Ching Shih nunca deixou de lado a crueldade e impiedade pelas quais se tornou conhecida.

Após o estabelecimento desse novo código, Ching Shih voltou seu foco ao que havia levado a alcançar tal posto, fazer dinheiro. A Federação já tinha uma relação firme com os mercadores de sal, mas ela julgou que era hora de expandir. Agora, não só os mercadores de sal deveriam pagar os tributos para navegar na região, mas sim, todo e qualquer navio mercante. Adicionou também os navios de pesca a essa rede de proteção. Ching Shih tinha uma metodologia comercial um pouco diferenciada em relação a maioria dos piratas quando o assunto é negócios dentro da pirataria. Diferente da maioria, Ching Shih utilizava da cobrança de resgates como um pilar essencial para o crescimento monetário de sua frota. Eram realizadas capturas de pessoas, embarcações e até comunidades inteiras para que, posteriormente, fosse cobrado um alto valor em troca da devolução da mesma.

Navios sem valia para os piratas eram resgatados por um preço padrão de 50 yans de prata os juncos pesqueiros e 130 yans os juncos cargueiros. Os cativos humanos eram com frequência resgatados por menos de 90 taels cada, ao passo que os estrangeiros podiam valer até 7 mil dólares espanhóis. **(CORDINGLY, 1998, p. 141)**

Segundo David Cordingly, outra atitude tomada visando o aumento da fortuna foi colocar suas frotas em constante ataque contra as vilas da região. Durante seus ataques, a frota apresentava-se e impunha suas condições, então deixavam duas opções as vilas e vilarejos: pagar o tributo por eles exigido ou sucumbir as chamas. Eram constantes as extorsões feitas aos comerciantes de sal, que em questão de pouco tempo perceberam que era mais viável pagar o valor anual exigido em troca de proteção do que ter suas embarcações capturadas e incendiadas. Após pagar a taxa anual por sua proteção, os

comerciantes recebiam uma espécie de passe livre, que deveria ser apresentado a qualquer embarcação pirata, caso fossem confrontados em sua rota comercial.

Quando comparada a piratas ocidentais, Ching Shih pode ser considerada uma verdadeira profissional, pois tratava todas suas transações com um rigor excepcional, mantendo sempre registrada as datas nas quais deveriam ser pagas as taxas de cada embarcação e realizando as punições para quem não fizesse, com uma severidade ainda maior. Assim, construiu lenta, mas consistentemente, uma rede de negócios que gerou fortunas à ela e à sua frota.

Como apontado por Neumann, o governo chinês tentou impedir Ching Shih, mas, a marinha chinesa havia sido negligenciada durante décadas e não se encontrava em condições de dar combate a Federação. Enquanto as forças marítimas possuídas pelo governo chinês não passavam de simples navios sem grande potência em combate, as mesmas que eram usadas por piratas de pequeno porte, a frota comandada por Ching Shih por sua vez, contava com grandes embarcações extremamente preparadas para o combate, estando níveis acima.

Utilizando uma estratégia de combate previamente treinada, a qual consistia em esconder-se até que sua presa aparecesse, então dar início ao combate com embarcações maiores, através de tiros de canhão a longo alcance, para então enviar lanceiros e combatentes corpo-a-corpo, em embarcações menores, para invasão e domínio da presa. Essa tática utilizada afundou embarcação por embarcação do governo chinês, durante certo período.

A NOMEAÇÃO DE BAI LING

Chegando em janeiro de 1808, os piratas executaram o então comandante da marinha chinesa. Pequim já não podia mais ignorar o problema representado pelos piratas, então nomearam Bai Ling, sob as ordens de liquidar com a ameaça representada por Ching Shih e sua frota, a qual nessa altura representava cerca de 300 embarcações, tripuladas por cerca de 20.000 a 40.000 piratas, como relata Neumann em sua tradução.

Karl F. Neumann também aponta que Ching Shih planejou meticulosamente durante meses um ataque completo, partindo de Macau, visando conquistar o controle total de Cantão. Em julho do mesmo ano, o plano começou a ser posto em prática. Cheung Po Tsao, filho adotivo e braço direito de Ching Shih, atraiu a frota defensiva de Cantão para combate e a aniquilou, deixando assim a passagem livre para a conquista objetivada.

Durante um ano inteiro, a Federação pirata saqueou toda a região como bem entendeu, matando quem apresentasse resistência e capturando mulheres e crianças como prisioneiros. Cada expedição tornava-se mais violenta que a anterior. A Frota da Bandeira Preta havia executado aproximadamente 10 mil pessoas em um único saque. O caminho até Cantão estava cada vez mais curto, mas os reparos necessários nas embarcações tornavam-se cada vez mais caros e frequentes, o que começava a gerar complicações monetárias para a frota.

A estratégia aderida por Bai Ling foi efetiva. Ele enviou soldados para treinar as milícias locais e concretizar uma resistência aos saques. Também realizou um corte nos suprimentos que chegavam às mãos dos piratas, forçando-os a basear sua alimentação em arroz e insetos e, devido a todo o treinamento que vinha sendo realizado, as forças militares estavam tornando-se mais aptas a combater Ching Shih.

REFORÇOS EUROPEUS

A Europa também sofreu com piratas, mas diferente da China, os países europeus não contavam com uma marinha negligenciada. Após diversos combates, conseguiram lidar com a situação da pirataria em seus mares, o que os deixou em situação confortável para enviar alguns de seus navios até a costa chinesa, no intuito de restaurar o controle e facilitar o comércio entre os dois continentes por meio de rotas comerciais marítimas.

Então, um navio britânico de combate foi enviado, acompanhado por dezesseis embarcações chinesas objetivando conter o ataque que vinha sendo orquestrado por Ching Shih e, com sucesso fizeram-no. Em situações normais, Ching Shih não teria problema em combater e vencer tais embarcações, mas devido ao local em que a batalha ocorria e ao mal posicionamento em que as embarcações piratas se encontravam, Ching Shih teve sua frota pessoal extremamente danificada, forçando-a a deixar Cheung Po Tsao no comando do cerco a Cantão e fazer o recuo para sua base na ilha de Lantau, visando realizar os reparos necessários, no local exato onde o governo chinês a queria levar.

Ainda segundo Neumann, em novembro de 1809, deu-se início a um ataque realizado pela coroa portuguesa contra Ching Shih. Havia 04 navios sob a bandeira de Portugal velejando em direção a mesma, que possuía apenas algumas pequenas embarcações de sua frota pessoal, as quais estavam danificadas e necessitando reparos imediatos. A medida tomada por Ching Shih foi a natural em tal situação, emitindo um

aviso a todas as frotas da Federação pedindo o envio imediato de ajuda. Três dias após tal requisição, Cheung Po Tsao chegou ao local em que Ching Shih se encontrava, trazendo consigo a Frota da Bandeira Vermelha, mas também algumas notícias desagradáveis. A Frota da Bandeira Preta não viria.

Durante esse tempo consumido por Ching Shih na busca de ajuda, a frota do império chinês havia crescido, contando agora com 60 navios de guerra, 35 barcos de pesca e 04 navios ocidentais, enquanto os piratas contavam apenas com 07 navios de guerra para o combate. Desde o início, esse era o plano de Bai Ling na busca de uma vitória para a China. Ele queria não só encurralar Ching Shih, mas também atrair Cheung Po Tsao para a mesma armadilha, juntando todos seus maiores adversários no mesmo local, deixando-os vulneráveis.

Segundo Neumann, quando Ching Shih se viu fechada, ela posicionou seus 07 navios de guerra em uma linha, fechando a entrada da baía, e então o combate começou. O primeiro ataque foi realizado por parte dos navios da coroa, realizando uma barragem que durou aproximadamente duas horas e encerrou com um contra-ataque de Ching Shih, se aproximando com uma pequena embarcação, para assim atirar tochas e incendiar um navio de guerra chinês, afundando assim uma das principais linhas de frente da formação de Bai Ling e forçando-os a recuarem momentaneamente.

Durante dias, Cheung Po Tsao ascendeu incensos, reuniu-se aos seus deuses e orou por um vento sudeste que os favorecesse e possibilitasse um contra-ataque, ou mesmo um recuo. Por duas vezes os piratas marcharam em uma tentativa de contra-ataque, e, em ambas, a direção dos ventos não os favoreceu, tornando a iniciativa em completa falha. Então, deu-se início à mais um ataque por parte de Bai Ling, soltando aos mares 43 embarcações incendiárias carregadas de palha e explosivos, de dois em dois, em direção aos navios piratas, os quais se tornavam um alvo fácil, devido ao posicionamento em linha reta. Mas, Ching Shih por sua vez, manteve a calma e, fez o possível para repelir os danos que viriam a ser causados, desviando o máximo possível as embarcações incendiárias, fazendo com sucesso que a maior parte delas acabasse por terra, na costa. Foi então que o milagre pelo qual Cheung Po Tsao tanto orou se tornou realidade. O vento sudeste chegou com força, empurrando de volta as 02 embarcações incendiárias contra os que as lançaram e, fazendo também com que a fumaça expelida mudasse de direção, criando uma zona cega que permitiu a Ching Shih colocar em prática uma brilhante estratégia.

Ching Shih ordenou que seus navios se preparassem para velejar, aproveitando o vento que os favorecia. Na manhã seguinte, a Frota da Bandeira Vermelha tinha atravessado as embarcações posicionadas por Bai Ling, usando embarcações previamente danificadas como escudo para evitar a maior parte dos danos que seriam causados a sua frota em tal ousada travessia. Em 09 dias de cerco, Ching Shih sofreu a perda de apenas 40 homens e completou seus reparos sem perder nenhum de seus navios de guerra. Foi uma vitória massiva, como aponta David Cordingly.

Esse confronto, embora vitorioso por parte de Ching Shih, criou uma rachadura na Federação. Antes contando com duas principais frotas, a Frota da Bandeira Vermelha e a Frota da Bandeira Preta, como eram intituladas, agora não tinham mais tal poderio. A Frota da Bandeira Preta aceitou o perdão proposto pela China e passou a lutar pelo Império, deixando de lado a Federação e traindo os piratas que antes lutavam lado a lado, deixando agora a Federação a contar apenas com a Frota da Bandeira Vermelha. Nos meses seguintes ao confronto, a Frota da Bandeira Vermelha enfrentava simultaneamente o Império Chinês, embarcações ocidentais e antigos aliados. Ching Shih inteligentemente percebeu que, da posição em que estava, seu poder de negociação poderia apenas diminuir e resolveu impor os seus termos e aceitar o perdão, enquanto ainda se encontrava em uma posição favorável nas negociações.

NEGOCIAÇÕES FINAIS

Como registrado por Neumann em sua tradução, Ching Shih enviou ao governo chinês seus termos: seus piratas receberiam anistia completa e manteriam seus espólios adquiridos durante os saques, teriam a opção de se juntar ao exército e receberiam fundos para se estabelecerem. E, por fim, Ching Shih e Cheung Po Tsao manteriam uma esquadra de navios para usar no comércio marítimo de sal. O governo chinês viu-se incapacitado de aceitar tais termos, deixar que, depois de anos de dominação marítima exercida pelos piratas, eles saíssem impunes por todos os crimes cometidos e, ainda assim mantivessem os espólios roubados. A China recusou a exigência feita por Ching Shih e ela ordenou um último ataque, objetivando realizar uma demonstração massiva de poder e assim forçá-los a aceitar seus termos. Após atacar toda a costa chinesa e causar danos irremediáveis, Ching Shih navegou até Cantão e exigiu negociar com Bai Ling em pessoa. Seus termos não haviam mudado. Bai Ling viu-se obrigado a aceitar a maioria dos termos, mas continuou relutante a respeito de um: a esquadra pessoal que Ching Shih e Cheung Po

Tsao exigiam manter. Era impensável permitir que os piratas responsáveis por dominar a costa chinesa mantivessem uma frota pessoal, soava como uma ameaça de um dia voltar a pirataria.

Dias de negociações se passaram, com Bai Ling resistindo até onde foi possível a respeito da esquadra pessoal que Ching Shih exigia manter, mas quando ela ameaçou voltar aos mares e retomar os ataques, Bai Ling viu-se obrigado a ceder aos termos exigidos por Ching Shih e permitir que mantivessem a frota. Cerca de duas semanas após as negociações chegarem ao fim, a Frota da Bandeira Vermelha rendeu-se em Macau, consistindo então em 17.318 piratas, 226 embarcações e 1.315 canhões, como aponta Charles Ellms em sua obra "The Pirates Own Book".

Ellms aponta também que Ching Shih fez uso de sua anistia levando então uma vida honesta, ou, pelo menos tão honesta quanto um pirata pode levar. Ela usou os espólios que havia acumulado em sua empreitada marítima e abriu uma casa de jogos. Levou seu negócio até o fim de seus dias, vindo a falecer no ano de 1844 aos 69 anos, por complicações causadas pela idade.

Ching Shih foi uma das poucas mulheres, de um grupo seleta, que alcançou o posto de “Capitã Pirata”, e parte de um grupo ainda mais seleta das que conseguiram a anistia e se aposentaram. Considerando que não conquistou só a própria anistia, como também a de aproximadamente 17 mil outros piratas e realizou a negociação em posição de superioridade com o Império Chinês, impondo seus termos a eles e forçando que aceitassem, Ching Shih é considerada a “Pirata mais bem sucedida da história”, superando todos que já almejaram esse posto, sejam homens ou mulheres. Tal afirmativa é um consenso entre diversos autores da área, sendo os principais Karl F. Neumann e Richard Glasspoole.

CONCLUSÃO

Dando ênfase ao reconhecimento em progresso que vem sendo obtido pela história de Ching Shih, pode ser trabalhada uma discussão dentro da narrativa de sua história, tendo em consideração o impacto de seus atos. Não podemos nunca esquecer a afronta as leis impostas pela sociedade chinesa, representada pela ascensão de uma mulher à liderança de uma frota de navios, dentro de um local onde as mulheres eram banidas da vida pública.

Ching Shih alcançou o poder por meios diplomáticos, fazendo uso de sua grande habilidade argumentativa e econômica, utilizando de negociações, inicialmente com seu primeiro marido, Cheng I, então com a Federação dos Piratas Chineses, para posteriormente negociar com o Império Chinês pela anistia de aproximadamente 17 mil piratas. Tendo sempre em consideração o cenário político-histórico, no qual as mulheres eram banidas da vida pública, vivido pela China durante o século XIX e, previamente a esse período também, é de suma importância ressaltar o quão longe a escalada dentro da hierarquia do poder político à levou.

Durante sua ascensão ao poder, Ching Shih não só representou uma quebra do paradigma que bania a participação das mulheres dentro da sociedade, como também usou o poder que alcançou durante sua escalada não só para reverter a cultura do estupro presente dentro das embarcações piratas, na qual toda mulher que caísse nas cruéis mãos desses marinheiros criminosos estaria fadada a ser violentada repetidas vezes e, posteriormente morrer devido a intensidade com que isso acontecia. Isso também possibilitou a entrada das mulheres à vida marítima, quebrando o misticismo existente por trás da participação feminina nas empreitadas marítimas.

Através do estabelecimento do Novo Código Pirata, mencionado previamente dentro do artigo, Ching Shih fez uso de todo o seu poder e influência dentro da Federação Pirata por ela comandada, impondo a todos os piratas que velejassem sob à bandeira da Federação, os quais somavam aproximadamente 70 mil, que seguissem leis restritivas em relação ao abuso das mulheres dentro de embarcações.

Enquanto era algo cultural para os piratas, que passavam até meses sem ter contato direto com o sexo feminino, usufruir dos prazeres sexuais na primeira oportunidade que pudessem alcançar, independente da opção da mulher dentro da situação, Ching Shih, através do código que conseguiu estabelecer e aplicar de maneira rígida, tornou impensável para os marinheiros piratas continuarem a realizar tal ato, devido a implacável punição de morte por ela aplicada, a qualquer um que cometesse, sem contar com a humilhação pública que era realizada previamente a morte, expondo o responsável pelo ato no convés do navio e decapitando-o em frente a todos os piratas.

Essa aplicação severa das leis estabelecidas no Código foi de suma importância para as mulheres dentro do contexto da época, embora não impedisse de modo algum que, quem não pagasse os tributos exigidos fosse brutalmente assassinado pelos piratas, independentemente de qualquer discriminação sexual ou racial. É importante enfatizar que, embora não prevenisse as mulheres capturadas em expedições piratas da morte,

possibilitava a elas uma morte mais digna e livre da humilhação e do sofrimento físico e psicológico empregados pelo estupro.

Outra mudança obtida pela ascensão ao poder de Ching Shih foi a ampliação da liberdade participativa das mulheres dentro da pirataria marítima. Durante essa época, existia um misticismo fielmente temido pelos marujos que velejassem, fossem eles piratas ou não. Mulheres no mar era sinônimo de azar, no ponto de vista dos marinheiros, os quais acreditavam fielmente que, caso tivesse uma mulher dentro de suas embarcações durante uma expedição, estariam destinados ao naufrágio, batalhas perdidas e a empreitadas mal sucedidas. Ching Shih possibilitou o acesso para qualquer indivíduo que desejasse velejar sobe a bandeira pirata, fosse ele homem, mulher, adulto ou idoso.

Através dessa mudança por ela aplicada, os mares deixaram de ser conhecidos como um lugar inabitável às mulheres, e passaram a ser vistos como uma escolha que só cabia a elas fazer. Embora nenhuma outra pirata chinesa tenha alcançado feitos de proporção significativa para marcar a história como os alcançados por Ching Shih, é importante destacar que muitas mulheres chegaram ao mar graças a essa alteração nos valores e normas seguidas dentro da pirataria chinesa.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer todo auxílio concedido pelo professor Ricardo Neumann, desde metodologia até referencial bibliográfico, e a todo apoio e incentivo fornecidos que ajudaram a manter esse projeto de pé e andando para que pudéssemos alcançar o resultado obtido ao longo de toda sua produção de quase 2 anos.

Gostaria de agradecer também à minha família, principalmente à minha mãe, Maria de Fátima, pelo apoio e auxílio concedidos em momentos que isso se fez necessário.

REFERENCIAS

ELLMs, Charles. **The Pirates Own Book: Authentic Narratives of the Lives, Exploits, and Executions of the Most Celebrated Sea Robbers** (1837). Nova York: Dover Publications, 1993.

GLASSPOOLE, Richard. **Mr. Glasspoole and the Chinese Pirates: Being the Narrative of Mr. Richard Glasspoole of the Ship Marquis of Ely: Describing His Captivity of Eleven Weeks and Three Days Whilst Held for Ransom by the Villainous Ladrones of the China Sea in the Year 1809: Together with Extracts from the China Records and the Log of the Marquis of Ely: and Some Remarks on Chinese Pirates Ancient and Modern.** Golden Cockerel Press, 1935.

NEUMANN, Karl F. **History of the Pirates Who Infested the China Sea from 1807 to 1810.** Londres, 1831.

Sufferings of John Turner, chief mate of the ship Tay bound for China... and their seizure and captivity among the Ladrones.

CORDINGLY, David; Falconer, John. **Pirates: Fact and Fiction.** Londres: Collins & Brown ltd, 1992.

CORDINGLY, David. **Pirates: Terror on the High Seas from the Caribbean to the South China Sea.** Massachusetts: World Publications Group Inc., 1998.

CORDINGLY, David. **Life Among The Pirates: The Romance and the Reality.** Londres: Little, Brown and Company, 1995

KLEIN, Shelley. **The Most Evil Pirates in History.** Michael O'Mara Books Ltd., 2006.

WILLIAMS, Samuel W. **The Middle kingdom: a survey of the Chinese empire and its inhabitants.** New York & London: Wiley and Putnam. 1848.

STEVENSON, Robert L. **A Ilha do Tesouro.** Ciranda Cultural editora e distribuidora, 2019.